

O HOMEM NU

Ao acordar, disse para a mulher:

– Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

– Explique isso ao homem – ponderou a mulher.

– Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar – amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até ao embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até à campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nós dos dedos:

– Maria! Abre aí, Maria. Sou eu – chamou em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lance da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta do seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

– Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindo lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um *ballet* grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de um lance de escada. Ele respirou, aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão. Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

– Ah, isso é que não! – fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pelo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

– Isso é que não! – repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer?

FONTE: <http://textoemmovimento.blogspot.com.br/2013/10/o-homem-nu-interpretacao-e-producao.html> (Acesso: 04/12/2013)

1ª) A narrativa desta crônica está em 1ª ou 3ª pessoa?

---

2ª) Por que o casal não poderia abrir a porta do apartamento?

---

3ª) O homem saiu do apartamento com qual objetivo e como ele estava?

---

4ª) O que aconteceu quando o homem nu saiu para pegar o embrulho de pão?

---

5ª) Qual o efeito cômico que o autor explora nesta situação corriqueira?

---

6ª) Por que a mulher não veio abrir a porta para o marido?

---

7ª) O autor utiliza a descrição de sons durante a narrativa. Selecione dois trechos em que o som é importante para a história.

---

---

**LEIA:**

Olá, mãe!  
Mãe, eu queria te dizer ...  
(não te chamando de mamãe como no tempo em que a vida era você, mas te chamando de mãe deste meu outro tempo de silêncio e solidão.)  
Mãe, eu queria te dizer  
(sem cara de quem pede desculpa pelo que não fez ou pensa que fez)

que amar virou uma coisa difícil  
e muitas vezes o que parece ingratidão,  
ou até indiferença,  
é apenas a semente do amor  
que brotou de um jeito diferente  
e amadureceu diferente  
no atrapalhado coração da gente.  
Acho que era isso, mãe,  
o que eu queria te dizer.

*(Carlos Queiroz Telles. Sonhos, grilos e paixões. São Paulo: Moderna, 1995.)*

8ª) O eu poético deseja, por meio deste texto,  
(A) demonstrar seu sentimento de amor.  
(B) reviver um tempo de silêncio e solidão.  
(C) revelar que está insatisfeito com as atitudes da mãe.  
(D) agradecer à mãe pelo tempo em que a vida era mais simples.

(A) “acho que era isso, mãe...”  
(B) “que amar virou uma coisa difícil”.  
(C) “no atrapalhado coração da gente”  
(D) “deste meu outro tempo de silêncio e solidão”

9ª) O eu poético escreve uma mensagem à mãe por meio de  
(A) um conto.  
(B) um poema.  
(C) uma crônica.  
(D) uma propaganda.

11ª) Na primeira estrofe do poema, o eu poético utiliza-se dos parênteses para  
(A) pedir desculpa pelo que pensa que fez.  
(B) contar que a semente do amor brotou de um jeito diferente.  
(C) explicar o porquê do uso da palavra “mãe” ao invés de “mamãe”.  
(D) opinar sobre o sentimento de ingratidão ou indiferença demonstrado.

10ª) O verso que comprova para quem o texto foi escrito é  
Examine a propaganda abaixo:

**Na Revista**



Você só tem uma vida.  
Cuide bem dela.  
Crianças só no banco de trás.

Nós não queremos ver nenhum adulto brincando com a vida dos outros dentro de um veículo. Principalmente quando os outros são crianças. Só leve seus filhos no banco de trás e use o cinto de segurança.  
Lembre-se: seus gatinhos não têm sete vidas, apenas uma.

12ª) Qual é a frase de impacto do anúncio?

---

13ª) Identifique e reescreva a frase-conselho.

14ª) A fotografia dos dois gatinhos é usada aqui para chamar a atenção do leitor. Trata-se da linguagem não verbal. O que a imagem representa?

15ª) Numere as colunas de acordo com o tipo de advérbio da coluna do meio.

- |                 |  |
|-----------------|--|
| (1) Lugar       | ( ) <b>Possivelmente</b> eu vá até aí.       |
| (2) Tempo       | ( ) Vera <b>não</b> foi ao zoológico.        |
| (3) Afirmação   | ( ) Estamos alojados <b>longe</b> do centro. |
| (4) Negação     | ( ) Minha avó fala <b>depressa</b> .         |
| (5) dúvida      | ( ) <b>Certamente</b> ganharei esta corrida. |
| (6) Intensidade | ( ) Ela está <b>menos</b> triste com o fato. |
| (7) Modo        | ( ) <b>Ontem</b> Carina ganhou um vestido.   |
|                 | ( ) talvez, provavelmente                    |
|                 | ( ) não                                      |
|                 | ( ) sim, realmente                           |
|                 | ( ) muito, pouco, mais                       |
|                 | ( ) bem, mal, devagar                        |
|                 | ( ) cá, lá, ali, dentro, perto               |
|                 | ( ) amanhã, depois, logo                     |

LEIA:

“Hoje à noite não tem luar  
E eu não sei onde te encontrar  
Pra dizer como é o amor  
Que eu tenho pra te dar.”

16ª) No trecho, “Hoje à noite...” estabelece ideia de

- (A) tempo.
- (B) lugar.
- (C) modo.
- (D) dúvida.

17ª) “Nessa manhã, o coronel ia andando devagar entre os cacauzeiros. Ali, antes havia uma grande mata.” As palavras sublinhadas no período acima relacionam-se, respectivamente, às circunstâncias de:

- (A) lugar, tempo, lugar.
- (B) lugar, modo, causa.
- (C) tempo, modo, lugar.
- (D) tempo, lugar, tempo.

Leia:



18ª) Na tirinha: “Sim, realmente vê-se que este mundo...” O advérbio em destaque estabelece ideia de

- (A) modo.
- (B) afirmação.
- (C) dúvida.
- (D) negação.

19ª) Considerando que o verbo intransitivo apresenta sentido completo, qual das orações apresenta verbo intransitivo:

- (A) Os alunos compraram livros de aventura.
- (B) A criança dorme bem.
- (C) Contaram-me um fato engraçado.
- (D) O escritor escreveu uma novela.

## TEU NOME

(Vinícius de Moraes)

Teu nome, Maria Lúcia  
Tem qualquer coisa que afaga  
Como uma lua macia  
Brilhando à flor de uma vaga.  
Parece um mar que marulha  
De manso sobre uma praia  
Tem o palor que irradia  
A estrela quando desmaia.  
É um doce nome de filha

É um belo nome de amada  
Lembra um pedaço de ilha  
Surgindo de madrugada.  
Tem um cheirinho de murta  
E é suave como a pelúcia  
É acorde que nunca finda  
É coisa por demais linda  
Teu nome, Maria Lúcia...

20ª) No trecho: “Parece um mar que marulha”, a transitividade do verbo destacado na frase é

- (A) verbo transitivo direto.
- (B) verbo transitivo indireto.
- (C) verbo intransitivo.
- (D) verbo de ligação.

21ª) No verso: “Tem um cheirinho de murta”, a transitividade do verbo na frase é

- (A) verbo transitivo direto.
- (B) verbo transitivo indireto.
- (C) verbo intransitivo.
- (D) verbo de ligação.

## A Máquina

Lúcia Carvalho

Morreu uma tia minha. Ela morava sozinha, não tinha filhos. A família toda foi até lá, num final de semana, separar e dividir as coisas dela para esvaziar a casa. Móvel, roupa de cama, louça, quadro, livro, tudo espalhado pelo chão, uma tremenda confusão. Foi quando ouvi meus filhos me chamarem.

– Mãe! Mãe!

– Faaala.

Eles apareceram, esbaforidos.

– Mãe. A gente achou uma coisa incrível. Se ninguém quiser, essa coisa pode ficar para agente? Hein?

– Depende. Que é?

Eles falavam juntos, animadíssimos.

– Ééé... uma máquina, mãe.

– É só uma máquina meio velha.

– É, mas funciona, está ótima!

Minha filha interrompeu o irmão mais novo, dando uma explicação melhor.

– Deixa que eu falo: é assim, é uma máquina, tipo um... teclado de computador, sabe só o teclado? Só o lugar que escreve?

– Sei.

– Então. Essa máquina tem assim, tipo... uma impressora, ligada nesse teclado, mas assim, ligada direto. Sem fio. Bem, a gente vai, digita, digita... Ela ia se animando, os olhos brilhando.

– ... e a máquina imprime direto na folha de papel que a gente coloca ali mesmo! É muuuuito legal! Direto, na mesma hora, eu juro! Ela jurava? Fiquei muda. Eu que jurava que não sabia o que falar diante dessa explicação de uma máquina de escrever, dada por uma menina de 12 anos. Ela nem aí comigo. Continuava.

– ... entendeu como é, ô mãe? A gente, zupt, escreve e imprime, até dá para ver a impressão tipo na hora, e não precisa dessa coisa chatíssima de entrar no computador, ligaaar, esperar hoooras, entrar no Word, de escrever olhando na tela e sóóó depois mandar para a impressora, não tem esse monte de máquina tuuudo ligada uma na outra, não tem que ter até estabilizador, não precisa comprar cartucho caro, nada, nada, mãe! É muuuuito legal. E nem precisa colocar na tomada funciona sem energia e escreve direto na folha da impressora.

– Nossa, filha...

(Coleção novo diálogo – Língua Portuguesa – São Paulo – FTD, 2007.)

22ª) A repetição das vogais no trecho “...ligaaar, esperar hoooras...” pretende realçar

- (A) o som de eco, dada a amplitude da casa da menina.
- (B) o pouco tempo que o computador demora para inicializar.
- (C) a falta de qualidade na impressão de um documento.
- (D) o longo tempo de inicialização do computador.

23ª) Encontramos o registro da linguagem informal em

- (A) “Morreu uma tia minha.”
- (B) “Eles apareceram esbaforidos.”

(C) “Ela nem aí comigo.”

(D) “E nem precisa colocar na tomada.

